

COMUNICAÇÃO TRUNCADA

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 22/01/92)

Era a primeira vez que o rapaz iria à França. Para não dar uma de completamente bobo ou surdo e mudo, em se tratando de comunicação, tomou, antes de partir, algumas providências: dois meses antes da partida contratou uma professora particular para aulas de francês. Infelizmente não teria tempo para muita coisa, mas já daria para quebrar o galho. Ao menos poderia se defender pedindo algumas informações na rua, onde fica o hotel ou o restaurante mais próximo, não passaria fome nem sede, e conseguiria achar sempre um meio de transporte adequado. Em suma, saberia se defender.

Todo facheiro, descobriu que seu talento para essa língua era grande, e em dois tempos aprendeu muitas palavras e até formar algumas frases. Já conseguia bater alguns papinhos despreziosos com sua dedicada e paciente professora, daqueles em que se conta do que gosta, o que faz, aonde mora e de onde vem. No final das contas, sentia-se pronto para travar qualquer tipo de contato. Ainda mais que, sendo brasileiro e confiando no seu taco, iria evidentemente se utilizar da mímica como coadjuvante e essencial refúgio.

Lá chegando, perdeu a pouca timidez que lhe restava, e soltou o verbo. Perguntava tudo a qualquer pessoa, e mesmo que alguém não lhe compreendesse - aliás, ocorrência relativamente freqüente, não fazia mal. Dirigia-se a outra pessoa mais atenciosa, e no final dava tudo certo.

Até que, nessas andanças para lá e para cá, e com tanta desenvoltura, acabou conhecendo uma francesinha. Depois daqueles primeiros sofridos diálogos, logo a convidou para jantar, ao que ela parece ter aceitado com rapidez. Marcaram a hora e o local do encontro e se despediram.

Na hora de sair, o rapaz lembrou-se, inclusive, de comprar algumas flores para a jovem. Pegou o metrô, e na hora marcada, como um inglês, lá estava ele a esperar. E esperou 5,10, 15 minutos. “Ela deve estar fazendo charminho”, pensou, e continuou ali parado, ansioso.

Passada uma hora sem que a moça chegasse, começou a investigar e a vasculhar melhor em sua memória o que havia se passado entre eles, e que tipo de diálogo haviam tido. Já não sabia mais se havia sido preciso na comunicação, se ficara claro o local ou a hora. Estaria ele enganado? Não seria aqui? Quem sabe um pouco mais tarde, ou mais cedo? E se ela já tivesse ido embora?

Desiludido, retornou ainda com a florzinha na mão. Mas, depois de tanto pensar, achou uma única e possível alternativa: apesar de todo esse seu francês, duvidava se tinha ou não conseguido convidá-la. Concluiu que não.